A photograph of a man dressed in a black, long-sleeved, knee-length dress and black high-heeled shoes. He is leaning forward, with his head tilted back and his mouth wide open, revealing a bright pink tongue. The background is a plain, light-colored wall and floor.

Arte: retrato dos últimos  
dez anos numa “economia  
de notoriedade” Pág. 4/7



# “O champanhe da 111 é melhor”

Em 2001 aterraram com estrondo no circuito das artes plásticas nacionais. Este ano, as galerias Cristina Guerra e Filomena Soares celebram o seu décimo aniversário. Há quem diga que definiram um novo padrão para o mercado e que, em muitos casos, começaram a competir com os museus em qualidade. Mas, entretanto, o mundo entrou em crise. Radiografia a “uma economia de notoriedade”. Por Pedro Faro

● Em 2008, ano em que a crise se instalava, um postal de um artista anónimo, que circulava pelas inaugurações de exposições em Lisboa, descrevia ironicamente o mundo das galerias portuguesas: “*Tips for artists who want to find a gallery. If you go for Cristina Guerra you have to do it fancy. If you go for Filomena Soares you have to make it big. If you go for Vera Cortês you have to make it clean. If you go for 111 you have to frame it, and make it to be taken in the back of a car.*”

Eram dicas para artistas à procura de representante comercial - conselhos sobre que tipo de trabalho fazer, de forma a agradar: para a Cristina Guerra, elegante; para a Filomena Soares, grande; para a Vera Cortês, depurado; para a 111, emoldurado e para caber na bagageira do carro.

Outro instantâneo mundano: num edifício, mesmo ao lado da Galeria Filomena Soares, podia ler-se, até há pouco tempo, a seguinte frase pintada num portão: “O champanhe da 111 é melhor.”

Indícios que nos permitem intuir diferentes realidades, personalidades, histórias, vicissitudes, abordagens e patrimónios sociais e simbólicos, de galeria para galeria?

Na primeira década do século XXI, as inaugurações de exposições em galerias tornaram-se momentos obrigatórios para compreender um sistema que alterna, dependendo das afinidades, entre o tradicional e o alternativo, o mais e o menos institucional, o mais e o menos jovem. E, logo no segundo ano da década, duas galerias impuseram-se no mercado nacional com espaços expositivos ambiciosos, articulações internacionais mais pensadas, uma melhor gestão financeira e de um maior equilíbrio entre uma dimensão comercial e cultural. Aquelas que, no seu livro *Arte e Artistas em Portugal* (2007), o crítico e comissário Alexandre Melo define como “duas das mais importantes galerias nacionais”: a Cristina Guerra Contemporary Art e a Filomena

Soares, ambas em Lisboa. São elas, diz Melo, que “passam a definir muito do posterior panorama de exposições”.

No final dos anos 90, as galeristas Cristina Guerra e Filomena Soares tinham sido sócias na Galeria Cesar, separando-se definitivamente em 2000. São, por isso, dois nomes fundamentais para um entendimento daquilo em que viriam a desaguar as décadas anteriores, marcadas por uma dinâmica galerística nem sempre consistente e continuada, e prosseguindo, nos anos 00, num contexto e numa década de velozes e meteóricos entusiasmos e sucessivas e alternadas crises financeiras e políticas culturais.

Este ano, a Cristina Guerra está a participar, mais uma vez, na mais importante feira de arte internacional de arte contemporânea, a Art Basel, fundada em 1970 em Basileia, na Suíça, onde começou a marcar presença em 2003. A Art Basel serve de montra a cerca de 300 galerias de todo o mundo e à obra de mais de 2500 artistas por edição. Na última, teve mais de 62 mil visitantes, entre profissionais - colecionadores, negociantes de arte, artistas, curadores... - e não profissionais.

Participar pode ou não vir a revelar-se importante em termos de volume de negócios. É sempre importante em termos de prestígio. “Se uma galeria não for admitida, as pessoas poderão pensar que não é tão importante como outra que o foi. Se uma galeria for recusada no ano seguinte, isso poderá destruir o seu negócio”, explicou um membro do comité de admissão a Sarah Thorton, autora do livro *Sete Dias no Mundo da Arte*.

Segundo Cristina Guerra, que falou ao P2 depois de ter estado na Bienal de Veneza e antes de ir para a Art Basel, onde está até amanhã, a história da sua galeria centra-se, essencialmente, no desafio da internacionalização. Mas, na opinião desta galerista, “o elevado custo da internacionalização,

aliado a uma série de governos, primeiros-ministros e ministros que desconhecem a realidade e as especificidades do mundo da arte contemporânea”, faz com que este projecto seja mais difícil de alcançar.

“Como é que se explica que a actual ministra da Cultura [Gabriela Canavilhas] não tenha aparecido na Bienal de Veneza e tenha optado por fazer campanha eleitoral? Porque é que não se convidam os curadores destes grandes eventos para virem a Portugal?”, pergunta Cristina Guerra, que, desde 2002, participa também na extensão americana da Art Basel, a Art Basel Miami Beach. Para esta galerista, “com a actual crise económica, com o fim das revistas de arte e [num país] sem um projecto cultural definido, estamos a recuar 30 anos”. Num vazio institucional, “uma galeria é fundamental para a divulgação da arte portuguesa”, sublinha. “Estou a conseguir fazer um percurso internacional, mas, se observarmos com atenção, há cada vez menos galerias portuguesas lá fora, depois de um período em que essas presenças eram mais frequentes.”

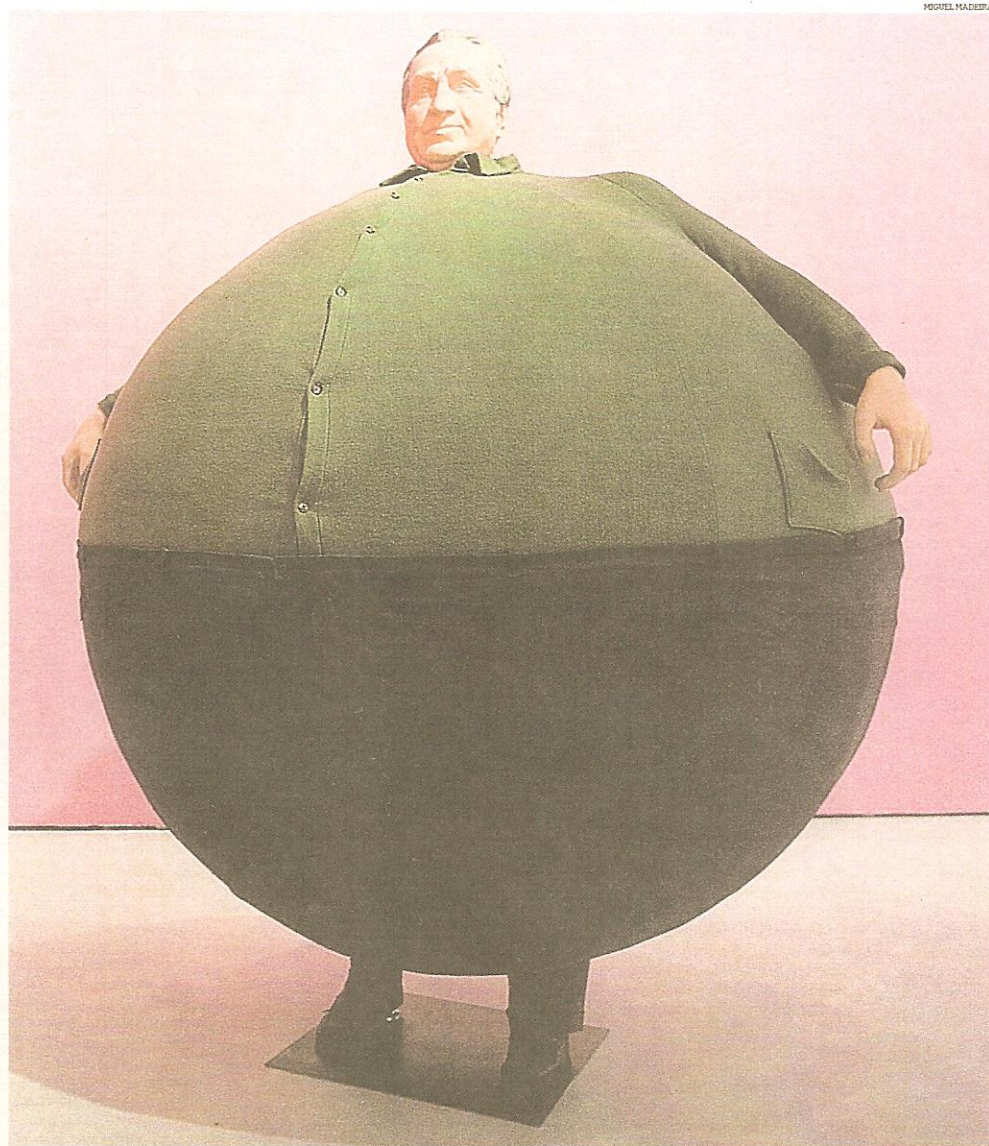
A Filomena Soares, que não participa na Art Basel, comemora, neste momento, os seus dez anos de actividade com uma exposição colectiva intitulada *O Voo do Bumerangue*, comissariada por David Barro. Em 2008, era a única galerista portuguesa mencionada no livro *Women Gallerists in the 20th and 21st Centuries*, de Claudia Herstatt. Aparece na secção dedicada às *power women*, entre pesos-pesados como Marian Goodman, Luisa Strina, Helga de Alvear, Barbara Gladstone ou Monika Spruth/Philomene Magers. Instalada na zona oriental de Lisboa, num dos espaços comerciais mais singulares do país, com cerca de mil metros quadrados, Filomena Soares diz que “num país pequeno e periférico como o nosso a abertura de uma galeria de arte que aspire a actuar no circuito internacional







MIGUEL MADEIRA



MIGUEL MADEIRA

**Na capa:**  
*Sedução*  
(depois  
de Helena  
Almeida),  
2007-2011,  
de João Pedro  
Vale.

**Na página  
da esquerda:**  
desenho  
de Nicolas  
Robbio na  
Marz Galeria.

**Nesta página:**  
*Nascido A 5  
De Outubro*,  
de João Pedro  
Vale, na galeria  
Filomena  
Soares; e  
escultura de  
Erwin Wurm,  
na galeria  
Cristina  
Guerra

representa sempre um avanço":  
"Tem sido o nosso objectivo desde  
que inaugurámos em 2001, uma  
dupla finalidade que prosseguimos  
com perseverança. Isto é: por um  
lado apoiar e promover artistas  
de Portugal na cena artística  
internacional e, por outro, trazer  
artistas internacionais para o  
território nacional. Acreditamos,  
de facto, que temos assistido nos  
últimos anos a uma crescente  
profissionalização do meio,  
resultado da rede de galerias que  
existe actualmente em Portugal,  
que têm vindo a conquistar  
presenças pontuais no contexto  
internacional, nomeadamente  
através da participação em feiras."

Este ano, a Galeria Filomena  
Soares fez questão de marcar  
presença na Arco, em Madrid, na  
Armory Show, em Nova Iorque,  
na Zona Maco, México, na Art  
Brussels, Bruxelas, na Madrid Foto,  
Madrid, na SP-Arte, São Paulo, na  
Loop Barcelona e, até ao final do  
ano, estará na Art Rio, no Rio de  
Janeiro, e na Frieze, em Londres.  
"Neste momento, procuramos  
mercados emergentes que têm  
vindo a adquirir relevância a  
nível mundial, com muitas das  
suas instituições a assumirem  
importantes papéis como agentes  
e promotores da produção artística  
contemporânea", diz Filomena  
Soares.

Mas há outro dado importante  
a ter conta: ao longo da última  
década, em Portugal, foi nas  
galerias - e não apenas nos museus  
- que pudemos ver algumas das  
mais importantes exposições  
de artistas de várias gerações  
e nacionalidades - Lawrence  
Weiner, John Baldessari, Julião  
Sarmiento, Filipa César, João  
Onofre, Allan Sekula, João Penalva,  
Vasco Araújo, João Pedro Vale,  
Gabriel Abrantes, Ângela Ferreira,  
Pedro Barateiro... -, por vezes  
comissariadas por alguns dos mais  
destacados curadores portugueses  
e estrangeiros - Jens Hoffmann,  
David Rimanelli, Adriano Pedrosa,  
Rosa Martinez, Delfim Sardo, Jürgen  
Bock, Alexandre Melo, entre outros.

Por outro lado, depois do  
caso excepcional, no contexto  
português, do artista Pedro Cabrita  
Reis, que não mantém qualquer  
tipo de relação continuada com  
um galeria nacional desde 1992  
- apesar de manter uma rede  
de contactos esporádicos com  
algumas daquelas onde expõe  
pontualmente -, um novo nome  
tem vindo a afirmar-se seguindo  
uma lógica semelhante: Joana  
Vasconcelos.

### Os mitos

Numa qualquer história da arte,  
moderna ou contemporânea,  
não será difícil encontrar nomes  
míticos do mercado como Paul  
Durand-Ruel, Ambroise Vollard,  
Daniel-Henri Kahnweiler, Denise  
René, Iris Clert e Leo Castelli,  
associados à emergência de  
importantes artistas, manifestos  
e movimentos. Actualmente,  
nomes como Barbara Gladstone,  
Yvon Lambert ou Marian  
Goodman constituem uma  
versão sofisticada, menos mítica,  
altamente profissionalizada e com  
enorme poder na constituição de  
coleções privadas e institucionais.  
E, sobretudo, na afirmação de  
nomes que, de modo quase  
surpreendente, estabelecem  
cânon operativos para o  
resto do mundo da arte, numa



hierarquização visível através das constantes e instáveis listas de poder, publicadas pelas revistas da especialidade.

Num longo ensaio sobre o mundo da arte contemporânea intitulado *Le Triple Jeu de l'Art Contemporain*, Nathalie Heinich diz o mesmo que muitos outros investigadores: que, sendo as galerias e os galeristas agentes fundamentais do sistema artístico, no seu mundo, estamos, essencialmente, perante "uma economia de notoriedade que vive de uma circulação rápida de nomes", num espaço de circulação que é relativamente estreito e supõe a existência de uma rede de relações pessoais no interior dos quais a informação circula. Assim, temos um "pequeno número de actores fortemente interconectados". As fronteiras entre os vários agentes são perigosamente ultrapassadas? A ingerência é uma constante? "O mundo da arte é uma esfera onde muitos não se limitam a trabalhar, mas também a viver a tempo inteiro", diz Sarah Thornton. "É uma 'economia simbólica' na qual as pessoas trocam pensamentos e onde o valor cultural é discutido, em vez de determinado por uma riqueza emocional."

Neste sentido, podemos analisar uma obra de arte como indício de uma série de colaborações. E as galerias, como um dos agentes estruturantes do tecido cultural, não podem ser ignoradas.

### Investigações

O último grande estudo sociológico sobre galerias de arte contemporânea em Portugal foi realizado por Alexandre Melo e Maria de Lourdes Lima dos Santos e publicado em 2001 pelo Observatório das Actividades Culturais. Procurou analisar, entre outras coisas, os resultados de um inquérito feito junto das galerias, contemplando aspectos como o espaço expositivo, o estatuto jurídico, os serviços de apoio a edição de materiais e o desenvolvimento de outras actividades, o relacionamento entre galerias e artistas, a caracterização de públicos, colecionadores, galeristas e o tipo de ligações internacionais estabelecidas. Procurou ainda mapear as dinâmicas e as perspectivas apontadas por diferentes galerias entre os anos 1960 e 1990, numa visão quase radiográfica, fundamental para uma rigorosa e necessária caracterização daquilo que num determinado momento - final da década de 1990 - era a realidade das galerias de Lisboa associadas da APGA - Associação Portuguesa de Galerias de Arte e participantes no evento Lisboaarte Contemporânea, com inaugurações simultâneas entre membros da associação. A conclusão do estudo revelava que o mercado da arte em Portugal sofria de debilidades estruturais: era hipersensível às variações da conjuntura política, económica e ideológica e tinha dificuldade em se aproximar ou integrar nos circuitos internacionais. Mas revelava também que havia uma renovação e reorganização da rede de galerias em Lisboa e no país, com aumento do peso das galerias do Porto; maior pragmatismo nas questões económicas e financeiras; e significativa melhoria

do panorama institucional de enquadramento das artes plásticas.

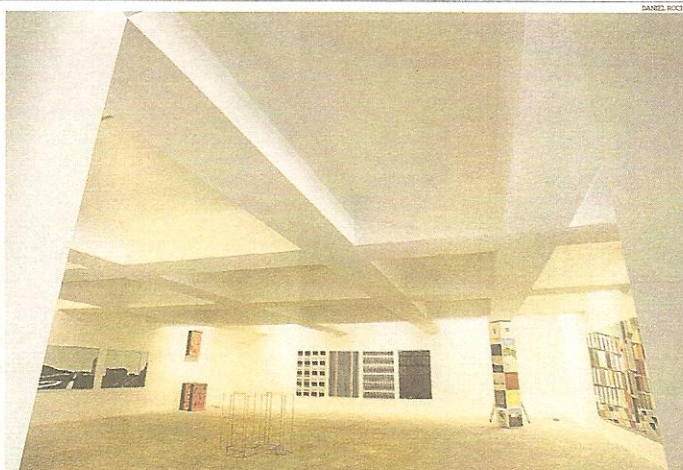
Mais actuais, os dados do Instituto Nacional de Estatística são demasiado generalistas e inclusivos e não particularizam o cenário específico e reduzido das galerias de arte contemporânea. Luís Urbano Afonso, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e um dos directores do mestrado de Gestão em Mercados da Arte, no ISCTE, confirma que não há mais estudos semelhantes e posteriores aos realizados por Alexandre Melo e Maria de Lourdes Lima dos Santos, e que, apesar de existirem investigações em curso sobre alguns aspectos particulares do sistema galerístico e mercado leiloeiro - em fase de aprovação -, não há nada que nos permita ser mais exactos sobre este sector.

Mas, tendo em conta dados disponíveis pelas Finanças, segundo Luís Urbano Afonso, "a situação actual das galerias é muito preocupante, havendo algumas que, por exemplo, de repente, de um ano para o outro, desceram muito de facturação, de 4 milhões para 700 mil euros". Para este investigador, um dos aspectos que ressalta da análise dos balanços das galerias é que "uma parte significativa daquilo que facturam resulta de obras que são importadas, sobretudo nas galerias maiores, como a Cristina Guerra". Isto "pode ser explicado por uma tendência do meio português, que quer, muitas vezes, artistas estrangeiros - seja por moda, seja por uma tentativa de diversificar os seus investimentos".

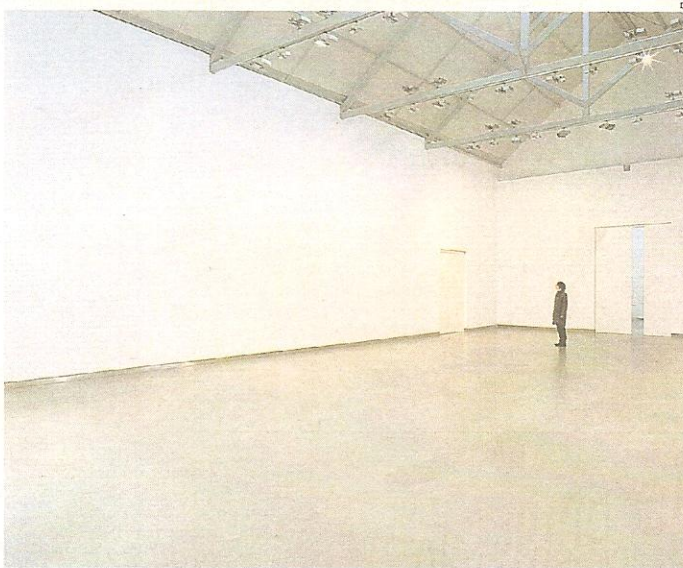
Sobre a quantidade de pessoas que o sector das galerias emprega Luís Urbano Afonso estima que "o mercado da arte português, que, além das galerias, inclui antiquários, leiloeiras e alguns alfarrabistas, deve empregar entre 2500 a 3 mil pessoas, [e em] muitos dos casos são auto-emprego".

Através de uma análise dos balanços financeiros das galerias - o projecto de investigação que Luís Urbano Afonso quer levar a cabo, numa colaboração entre a FLUL e o departamento de Gestão do ISCTE - pretende perceber-se, justamente, o volume de negócios deste sector. Segundo explica ao P2, "num ano bom, como 2008, pode ter andado à volta dos 60 milhões de euros". Ainda nesse ano, terão sido importados para Portugal "quase 70 milhões de dólares [48,9 milhões de euros] em obras de arte e antiguidades". Mas "é difícil saber o que é que deste valor se refere a aquisições realizadas pelo cliente final e o que se destina ao retalho", diz este investigador. "Nas exportações andamos à volta dos 12 milhões de dólares [8,3 milhões de euros]", conclui.

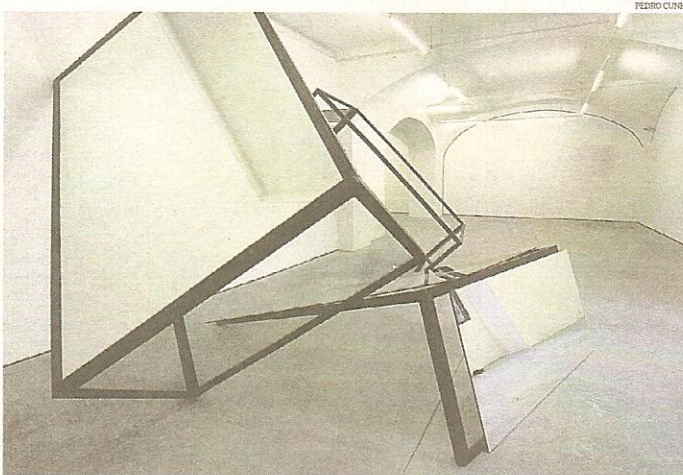
Segundo João Esteves de Oliveira, galerista e presidente da APGA, associação, com 41 membros, ligada à mais importante feira de arte contemporânea em Portugal - a Arte Lisboa, da FIL -, não há muitos dados estatísticos disponíveis sobre a feira, apenas sobre a evolução do número de visitantes, que, nos últimos anos, decresceu - cerca de 18 mil em 2008, cerca de 14.500 em 2009 e cerca de 11 mil em 2010, quando a feira teve menos um dia e aconteceu num local diferente.



À esquerda, de cima para baixo: espaço da galeria Carlos Carvalho - Arte Contemporânea, nas Laranjeiras; espaço da galeria Filomena Soares, em Xabregas; e esculturas de José Pedro Croft na galeria Quadrado Azul, em Lisboa.



À direita: dois momentos da exposição *Breve História da Lentidão e da Vertigem*, da dupla João Maria Gusmão e Pedro Paiva na galeria Graça Brandão; uma obra de Lawrence Weiner na galeria Cristina Guerra; e uma peça de Paulo Mendes na galeria Reflexus



Para a próxima edição, de regresso ao Parque das Nações, há a expectativa de 20 mil visitantes.

"[Apesar do] crescimento substancial do número das galerias do mercado das artes plásticas, até meados da década, neste momento deparamo-nos com um crescimento larvar, sem expressão [no que toca ao mercado da arte]", diz João Esteves de Oliveira. Mas ressalva que, não obstante "neste sector a situação ser menos preocupante do que nas outras actividades

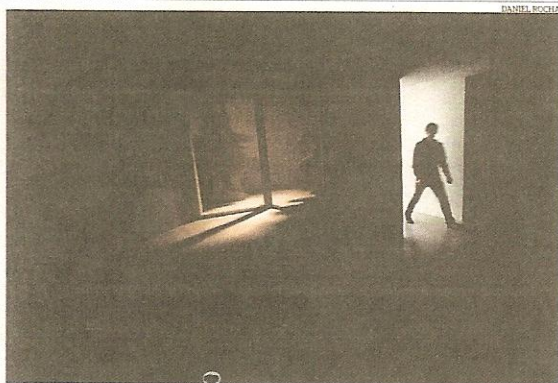
económicas desenvolvidas no país, a prazo vai-se notar que há menos colecionadores a entrar no mercado".

### Diferentes momentos

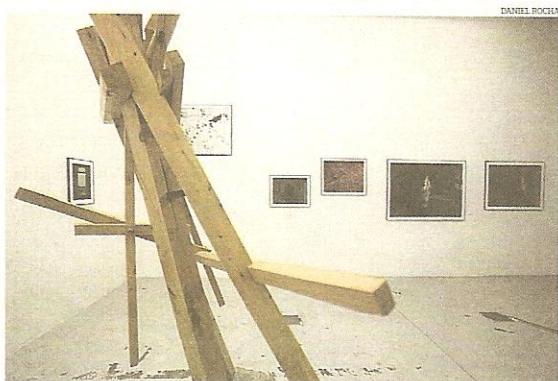
Para Alexandre Melo, "aquilo que numa primeira observação aparece como mais distintivo" é que algumas galerias "têm uma inserção internacional melhor articulada e muito mais regular do que sucedia em décadas anteriores". "Na década de 80 e depois na década

de 90, a participação numa feira internacional ainda era assunto de notícia nos jornais e qualquer espécie de actividade internacional ou de articulação internacional era vista quase como uma conquista e até certo ponto era, se compararmos com as décadas ainda mais para trás. Essa, digamos, normalidade que hoje em dia é inerente ao facto de as galerias terem articulações internacionais é um dado novo e é muito positivo." Por outro lado, e apesar de tudo,





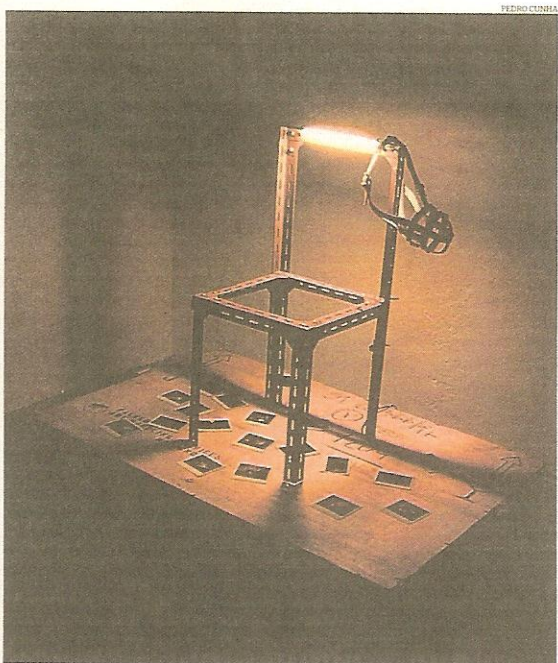
DANIEL BOCHIA



DANIEL BOCHIA



PEDRO CUNHA



PEDRO CUNHA

"a capacidade de afirmação internacional e a capacidade de promoção que as galerias portuguesas têm no estrangeiro para artistas portugueses continua a ser extremamente reduzida, isto é, ainda continuamos, infelizmente, sem nenhuma galeria portuguesa perto de chegar à primeira divisão das galerias de arte internacionais", acrescenta este especialista. "Ainda não há nenhuma galeria portuguesa que tenha poder suficiente para impor um artista português no escalão superior do mercado da arte. Umas aproximaram-se mais do que outras, em diferentes ocasiões, mas, neste momento, apesar da excelente performance da Cristina Guerra e da Filomena Soares, para dar só dois exemplos, ainda nenhuma galeria está naquela situação em que é caução suficiente para que um artista entre directamente para o escalão superior da circulação internacional."

Quando pensamos no trabalho desenvolvido pelas galerias na última década, para Alexandre Melo, "ressaltam a fluidez das articulações internacionais, um maior profissionalismo quer em termos de administração, quer em termos de gestão económica e uma grande diversificação, ou seja, há galerias mais fortes, há galerias intermédias, há galerias que não são galerias, que são espaços alternativos, há galerias muito jovens, muito modestas, mas muito dinâmicas e associadas a iniciativas pontuais e a grupos de artistas mais novos".

Desde 2001, além da Cristina Guerra e da Filomena Soares, há uma considerável diversificação de galerias. Algumas têm, inclusivamente, uma rede de articulações internacionais consistente e regular. Entre as galerias surgidas na última década encontramos nomes que se têm afirmado cada vez mais, como a Miguel Nabinho, a João Esteves de Oliveira - especializada em obras sobre papel -, a VPF Creamart, a Alecrim 50, a 3+1 Arte Contemporânea, a Sopra, a Arte Contempo, a Caroline Pagés, a Carlos Carvalho, a Paulo Amaro ou a K Galeria.

Recentemente, já num contexto de crise financeira, a reabertura da Baginski, num impressionante espaço em Xabregas, ao pé da Filomena Soares, e a abertura da Marz Galeria contribuíram para um refrescar do sector. Ainda ao longo desta mesma década, algumas galerias do Porto abriram espaços em Lisboa. Foi o caso da Quadrado Azul, da Presença e da Fernando Santos, tendo a Galeria Graça Brandão acabado por deixar de ter espaço no Porto.

Paralelamente, surgiram projectos como o Kunsthalle Lissabon, o The Barber Shop, o Espaço Avenida, a Appleton Square, o Empty Cube (estrutura móvel criada e comissariada por João Silvério), e a Quadrum reabriu numa moldura de gestão municipal.

Alexandre Melo considera importante assinalar que "depois de um período em que houve um tendencial equilíbrio entre Lisboa e Porto, no que diz respeito às galerias, na última década há praticamente um desaparecimento das galerias do Porto": "Claro que continuam a haver galerias e boas galerias - a Pedro Oliveira, designadamente, entre outras -, mas aquela ideia de que poderia haver

quase um nivelamento entre galerias de Lisboa e do Porto dissipou-se e seria interessante analisar o que é que aconteceu com o mercado da arte no Porto e com a dinâmica do mercado da arte no Porto."

É no Porto, há poucos anos, que a Galeria Nuno Centeno, antiga Reflexus, inicia a sua actividade. E já num contexto galerístico aparentemente estagnado, depois de um período de grande entusiasmo impulsionado, em parte, pela dinâmica inicial do Museu de Serralves e por um conjunto de colecionadores que, entretanto, abrandou as suas aquisições. Também recentemente, Fernando Santos abandonou a sua extensão lisboeta e expandiu a galeria portuense para um novo espaço, uma antiga padaria. A galerias Quadrado Azul e Presença mantêm as suas extensões lisboetas. No domínio não comercial, desde 2000, encontramos projectos alternativos de qualidade, como o Salão Olímpico, o Espaço Campanhã, o Mad Woman in the Attik, o PÉSSEGOpráSEMANA, Maus Hábitos, 555 e Uma certa falta de coerência. Em Castelo Branco está a 102-100. Em Viseu, a António Henriques.

No domínio institucional, várias instituições privadas, de diferente peso, abriram portas: a Ellipse Foundation, a Fundação PLMJ, o Museu Coleção Berardo, o Museu de Arte Contemporânea de Elvas, o BESarte. Outras instituições, por sua vez, abrandam ou cancelam investimentos em aquisições, como a Fundação Ilídio Pinho e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. A Fundação EDP emerge como uma das grandes esperanças do mercado, com novos espaços anunciados para o futuro.

Apesar de tudo, Pedro Lapa, actual director do Museu Coleção Berardo, antigo director do Museu do Chiado, durante dez anos, considera que "houve sem dúvida um recrudescimento profundo do mercado galerístico em Portugal, que correspondeu a mais do que uma nova geração de artistas, mais ampla e diversificada"; correspondeu "a um crescimento e alteração também do colecionismo".

"A partir de 2000 começam a surgir colecionadores verdadeiramente interessados em arte contemporânea. Esse crescimento do mercado e do colecionismo foi paralelo ao crescimento das galerias", diz Lapa, numa opinião partilhada por Alexandre Melo. Melo sublinha, no entanto, que, "numa situação de crise económica e financeira, não se sabe quantos deles vão manter o seu empenhamento e o seu entusiasmo".

### Profissionalização

Melo sublinha também "a maior profissionalização dos galeristas, ou seja, uma gestão em termos económicos e financeiros muito mais profissional do que em décadas anteriores" como uma das características da última década. "Na forma de actuar anterior, uma galeria era quase uma actividade pessoal, de cariz cultural, associada à idiossincrasia do galerista e dependente dos seus impulsos, dos seus gostos, dos seus entusiasmos, muitas vezes com grandes limitações em termos de gestão económica e financeira ou com estilos de gestão pouco

compatíveis com o funcionamento real do mercado da arte."

Representado pela Galeria Cristina Guerra, Julião Sarmento, um dos artistas portugueses com maior projecção internacional e cuja carreira, iniciada nos anos 70, acompanhou a evolução das galerias em Portugal, entende, contudo, que "não houve nenhuma diferença substancial entre esta década e as anteriores".

"Para dar dois exemplos de duas das galerias que são mais conhecidas internacionalmente, a Cristina Guerra e a Filomena Soares, não acho que funcionem melhor do que funcionava a Galeria Cómicos. Funcionam de maneira diferente, mas não são mais profissionais do que era a Cómicos na altura, isso seguramente que não. Terão mais dinheiro e terão mais hipóteses e Portugal, hoje em dia, tem mais visibilidade."

Antes, houve galerias importantes - Judite da Cruz, Módulo e Quadrum -, mas, para Julião Sarmento "a Galeria Cómicos foi, de facto, a primeira galeria a funcionar a nível internacional". Fundada em 1982-83 na sequência da exposição *Depois do Modernismo*, para Sarmento, "foi a primeira que pensou na actividade do galerista como profissão e que estabeleceu um estatuto e um esquema de funcionamento que caracterizam aquilo que uma galeria deve ser". Opinião partilhada por um artista muito mais jovem, Vasco Araújo, que começa a expor no início da década 2000 e hoje está representado pela Galeria Filomena Soares. Segundo Vasco Araújo, "as galerias que abriram nesta última década não foram as únicas a permitirem a internacionalização dos artistas. Há uma série de galerias nos anos 80 que começam a fazer esse trabalho, como a de Luis Serpa [Cómicos] ou a Módulo".

Participante da Art Basel, na secção Art Statement, o galerista Pedro Cera, que iniciou actividade em 1998 e que entretanto mudou de instalações, julga que a maior "profissionalização das galerias tem a ver com o nível de relacionamento que existe entre a instituição galeria e o exterior". "Temos um nível de formação e informação maior do que tínhamos e a participação das galerias em feiras internacionais foi fundamental para isso acontecer. Actualmente, penso que o grau de profissionalismo destas galerias de topo em Portugal é muito maior do que o grau de profissionalismo de uma galeria congénere espanhola."

No entanto, "houve momentos em que as galerias portuguesas poderiam ter dado um salto profissionalizante maior", ressalva Pedro Lapa. "Não temos ainda em Portugal galerias que contratem directores de galeria, com formação especializada no domínio da história da arte contemporânea, para organizarem também o próprio programa da galeria."

Eis aqui, diz Lapa, o calcanhar de Aquiles do processo evolutivo do sistema galerístico português: "Se tivesse havido uma dimensão mais prospectiva, poderíamos ter constituído uma situação mais dinâmica, mais actuante, que inevitavelmente chamaria a atenção de outros agentes internacionais."